

---

## Mãe solo, feminismo e *Instagram*: análise descritiva utilizando mineração de dados<sup>1</sup>

Caroline Guimarães SILVA<sup>2</sup>

Kátia Kelvis CASSIANO<sup>3</sup>

Douglas Farias CORDEIRO<sup>4</sup>

### RESUMO

O número de mães que criam seus filhos sozinhas tem crescido significativamente, e isso tem se refletido no compartilhamento em redes sociais de experiências, opiniões, críticas, relatos, ou mesmo na divulgação de informações, se caracterizando como uma forma de comunicação e externalização de um indivíduo para a sociedade. Neste contexto, especificamente na rede social *Instagram*, a *hashtag* “maesolo” se destaca como um ponto de convergência sobre o referido tema, o qual, de acordo com estudos específicos, pode apresentar uma relação considerável com o feminismo. Neste sentido, esse artigo apresenta uma análise exploratória sobre conjuntos de dados extraídos da rede social *Instagram*, sob a *hashtag* “maesolo”, com o objetivo de apresentar informações sobre a expressividade das postagens sob um enfoque geral e no relacionamento com o feminismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** mãe solo; maternidade; feminismo; *Instagram*; mineração de dados.

### 1. INTRODUÇÃO

Segundo estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, 38,7% dos 57,3 milhões de domicílios registrados eram comandados por mulheres; e de acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), em mais de 42% destes lares a mulher vivia com os filhos, sem marido ou companheiro (BRASIL, 2019b). Outro ponto abordado pelo estudo é que o Brasil ganhou 1,1 milhão de famílias compostas por mães sem cônjuge nos últimos dez anos, passando, por exemplo, de 10,5 milhões em 2010 para 11,6 milhões em 2015 (BRASIL, 2019a).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação, Universidade Federal de Goiás (UFG), carolineguimaraes22@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação, UFRJ. Professora adjunta da Faculdade de Informação e Comunicação, UFG, katiakelvis@ufg.br.

<sup>4</sup> Doutorado em Ciência da Computação e Matemática Computacional, USP. Professor adjunto da Faculdade de Informação e Comunicação, UFG, cordeiro@ufg.br.

---

Em referência ao termo mãe-solteira, historicamente utilizado para identificar as mulheres que criam os filhos sozinhas, a expressão mãe solo tem se popularizado na sociedade atual como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado civil. Por muito tempo, o termo foi tratado sob a visão do controle social nas sociedades patriarcais, na qual a maternidade se apresenta como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem. Mudar a forma de se referir a essas mulheres visa, desta maneira, eliminar o preconceito com as genitoras que não têm qualquer relação com o pai de seus filhos, ou com mães que se separam, ou mães que optaram por serem mães sem necessariamente estar em uma relação conjugal.

As mulheres foram legalmente proibidas de trabalhar de forma assalariada por muito tempo. Foram educadas para servir, enquanto o homem era educado para exercer o papel de provedor da casa. No Brasil-Colônia a igreja deu início à educação, mas não incluía as mulheres, que viviam para o lar e a igreja. A divisão sexual do trabalho atribuiu um patamar inferior ao sexo feminino em termos de representatividade social e a maternidade como característica de feminilidade estereotipada construiu uma história de desigualdade de gênero, assentada em valores de afetividade, portanto, mascarada.

A sociedade moderna promoveu diferentes visões sobre o papel social da mulher. A liberdade proposta pelo feminismo do final do século XX tem expressiva contribuição no que tange à ruptura com o determinismo e discriminações, provocando a luta por uma atuação igualitária dos papéis parentais na criação dos filhos. Além de serem as únicas responsáveis pelos filhos e terem que conciliar esse papel, muitas vezes, com a carreira profissional, as mãe solo enfrentam a crítica moral imposta de uma família ideal, que pressiona a mulher a seguir a tradição do casamento, impondo a necessidade de um homem para exercer a maternidade. Qualquer estrutura que saia desse padrão é considerada inadequada.

Como forma de buscarem representatividade, as mãe solo se apropriam dos ambientes virtuais para propagação de ideias de forma livre e direta, sem o filtro das mídias “tradicionalistas” ou de massa. Dessa forma, se percebe um movimento social pautado na discussão e compartilhamento de situações do cotidiano no universo de mães solo, norteado pelos princípios do empoderamento feminino e a sororidade.

---

Nesse sentido, muitas mães têm encontrado nas contas do *Instagram* um espaço onde se sintam representadas e possam intensificar suas reflexões e vivências, fortalecendo a luta dessas mulheres frente uma sociedade patriarcal. Assim como outros movimentos sociais, buscam desmistificar conceitos enraizados na sociedade, principalmente o inatismo que por muito tempo designou às mulheres o destino social de ser mãe e estabeleceu a organização familiar padrão. De forma coletiva, as experiências do grupo mãe solo são compartilhadas, os conceitos são ressignificados e ganham legitimidade, promovendo reflexões e questionamentos atrelados ou não ao discurso provido pelo feminismo.

Nesse contexto, o presente trabalho objetiva identificar a relação entre o feminismo e o conceito mãe solo por meio da análise exploratória de conteúdo da rede social *Instagram*. Como objetivo específico, se espera verificar a relevância do termo mãe solo na rede social e identificar conceitos relacionados ao feminismo. Para atingir tais objetivos, foi utilizada a mineração de dados para identificação de padrões e geração de informação a partir dos dados extraídos por meio da *hashtag* “maesolo”.

## **2. MATERNIDADE E FEMINISMO**

A relação entre a maternidade e o feminismo nem sempre foi tratada com harmonia. Conforme apresentado por Brasil e Costa (2018), o feminismo possui três marcos históricos com temáticas distintas: no primeiro, em meados do século XIX, o discurso estava fortemente relacionado à maternidade; no segundo, estava centrado na noção do feminino e identidade da mulher e rompia com as questões conservadoras de moral e bons costumes ao reivindicar a autonomia máxima sobre o próprio corpo e refutar a crença de que o destino social das mulheres era a maternidade, ou seja, este momento marca o feminismo descentralizado da maternidade; no terceiro, no final da década de 1970, o feminismo defende o significado dos discursos sociais atribuídos à maternidade, propondo novamente uma relação ativa entre eles.

Badinter (1985) ressalta que ao longo do século XX a maternidade foi vista não apenas como um fenômeno biológico, mas como argumento de afetividade e constituição de família. Desta forma, a experiência da maternidade pode ser analisada como um

---

conjunto diversificado de práticas e representações que moldam a condição de ser mãe e mulher. Além da maneira como a sociedade valoriza ou deprecia a maternidade, outro fator pesa na história do comportamento materno. Ainda de acordo com a autora:

Esse fator é a surda luta dos sexos, que por tanto tempo se traduziu na dominação de um sobre o outro. Nesse conflito entre o homem e a mulher, a criança desempenha um papel essencial. Quem a domina, e a tem do seu lado, pode esperar levar a melhor quando isso convém à sociedade. Enquanto o filho esteve sujeito à autoridade paterna, a mãe teve de se contentar com papéis secundários na casa (BADINTER, 1985, p. 25).

No anseio por emancipação, a mulher passa a experimentar a busca pela independência na tentativa de se libertar dessa relação hierárquica, da autoridade do marido e das pressões sociais. Badinter (1985) destaca, entretanto, que a sociedade, embora não pudesse impedir essa busca, soube se opor a ela no papel de reconduzir a mulher aos papéis que ela não deveria ter abandonado: mãe e esposa.

Não obstante, muitas mulheres resistiram a todas essas pressões. Algumas voluntariamente, em razão de suas convicções feministas; outras, muito mais numerosas, porque não tinham escolha. Foram provavelmente estas últimas que mais sofreram com a sua condição de trabalhadora dupla (como mãe e dona-de-casa, de um lado, e como profissional, do outro). Não só porque não dispunham dos meios culturais para enfrentar essa pressão ideológica, como também porque, mais sensíveis ao discurso dominante, devem ter vivido com angústia uma situação que insistia em proclamar contraditória e em conservar intacta (BADINTER, 1985, p. 25).

De acordo com Scavone (2001), a crítica feminista inseriu uma visão mais profunda, sob a ótica de gênero, sobre o “lugar da mãe” em relação ao “lugar do pai” na família e sociedade. Portanto, os estudos feministas sobre a maternidade tomaram uma nova direção, construindo o conceito de “parentalidade”, que estuda o posicionamento dos atores sociais dos dois sexos na construção familiar. Essa análise busca entender a relação entre os adultos com os filhos e constata um tipo de parentalidade onde as mulheres

---

continuam tendo uma relação mais comprometida com os filhos do que os homens, sendo elas que assumem a maioria das responsabilidades.

Ainda nessa discussão acerca do papel social, é importante destacar na sociedade atual a força dos instrumentos midiáticos ditando o que é necessário para o exercício da maternidade, abordando aspectos da gravidez, parto, puerpério e a relação mãe-filhos, o que resulta também em uma forma de estereotipar esse conceito. Conforme destaca Tomaz (2015), a mídia é um instrumento inegável de produção de sentido e a comunicação tornou-se um espaço singular para a publicação das questões privadas do universo feminino, em especial a maternidade.

Atualmente, um verdadeiro exército formado por pediatras, psicólogos, psicopedagogos, neuropediatras e nutricionistas, entre outros, ocupa os territórios midiáticos por meio de produtos que alimentam cotidianamente o imaginário social da maternidade. A mídia, portanto, foi de fundamental importância para trazer ao espaço público as questões privadas da mulher, dentre as quais se destaca aqui a da condição de mãe (TOMAZ, 2017, p. 159).

Uma questão importante levantada por Tomaz (2017) é a percepção de que, embora as mães ainda não abram mão desses especialistas, houve uma mudança significativa na construção social da maternidade se acompanharmos a mídia do final do século XX para o início do século XXI. Antes marcada pela interferência crescente dos médicos e a busca de um caráter predominantemente científico, agora também se tornam lugares de interação entre as mães, compartilhando experiências e questionando, não só as antigas figuras de autoridade, mas, em alguns casos, os próprios especialistas.

A maternidade é também um lugar extremamente profícuo para pesquisar as questões de poder. Trata-se de ir além do pensamento que aborda a mulher (nesse caso a mulher-mãe) como uma categoria oprimida pelo estado ou em desvantagem diante dos homens, isto é, apenas em termos sexistas. Significa analisar as disputas e negociações crescentes. As mulheres estariam buscando requerer um lugar de saber sobre a maternidade? Se há um empenho em desnaturalizar a condição de mãe, em que bases esses saberes estariam apoiados? A presença crescente de mulheres na apresentação de programas de rádio e TV e edição de revistas e sites especializados na criação de filhos pode ser uma sinalização de que a construção social da maternidade está se voltando

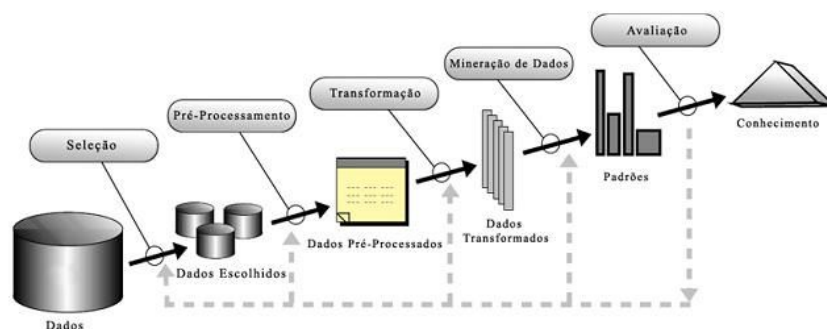
para um protagonismo feminino? E quanto aos especialistas, são homens ou mulheres em sua maioria? Tais perguntas remetem a alterações no âmbito da cultura e até mesmo do campo moral (TOMAZ, 2017, 164).

Diante do exposto, o que se percebe na relação feminismo e maternidade na sociedade atual é a comum expressão do desejo de mudança, de redução da vulnerabilidade e a consolidação de um papel marcado pela representatividade, que prime pela equidade. A atuação das mães solo em redes sociais expressam a necessidade de demonstrarem a capacidade de exercitar plenamente os direitos individuais, sem subjugação de gênero e sem qualquer tipo de aprisionamento. É uma luta pela autonomia e rompimento de conceitos estereotipados da maternidade.

### 3. METODOLOGIA

Considerando os objetivos do trabalho, os quais tratam da aplicação de técnicas de mineração de texto e detecção de padrões sobre um conjunto de dados extraídos da rede social *Instagram*, rotulados com a *hashtag* “maesolo”, será utilizada uma metodologia baseada no processo denominado KDD (do inglês, *Knowledge Discovery Databases*), proposto por Fayyad et al. (1996). O processo é apresentado na Figura 1.

Figura 1. Processo KDD.



Fonte: adaptado de Camilo e Silva (2009).

---

O método KDD preconiza a execução de atividades inter relacionadas e o uso de técnicas de seleção de dados, pré-processamento, transformação, mineração de dados e avaliação. Os dados selecionados são tratados com objetivo de remover ruídos e inconsistências, eliminar redundâncias, identificar lacunas e, desta maneira, transformar o conjunto de dados em um formato apropriado para a aplicação das técnicas de mineração de dados, sendo portanto dependente do tipo de análise a ser realizada para a geração de informação. A mineração de dados tem como objetivo extrair padrões dos dados e revelar a informação.

De uma forma geral, as técnicas de mineração de dados podem ser do tipo exploratória descritiva, com objetivo de compreender os dados e descrevê-los por meio dos padrões revelados, ou preditiva, com objetivo de realizar inferências e previsões a partir dos padrões (CASTRO e FERRARI, 2016).

Para a seleção dos dados foi utilizada a API<sup>5</sup> do *Instagram*, sendo desenvolvido um *script* em linguagem de programação Python para estabelecer a conexão com a mesma. Foram coletados dados da rede social por meio da seleção de ocorrências da *hashtag* “maesolo”, sendo disponibilizados em formato JSON (do inglês, *Java Script Object Notation*), um formato texto e completamente independente de linguagem, amplamente utilizado para compartilhamento de dados.

A amostra de dados contempla 39.017 publicações, sendo composta por atributos característicos tais como as *hashtags* associadas, identificação de usuário, texto da publicação, data da publicação, número de comentários, e número de curtidas.

Os dados foram tratados com objetivo de eliminar redundâncias devido a existência de publicações duplicadas (*repost*), remover caracteres especiais e *emoticons* que, apesar de agregarem valor semântico ao conteúdo por estarem relacionadas à expressão de sentimento, foram desconsiderados na presente análise, uma vez que, para os propósitos do presente trabalho, não representam contribuição significativa.

A partir disso, o conjunto de dados foi transformado para o formato CSV (do inglês, *Comma Separated Values*), o qual se refere a um formato de arquivo mais amigável em termos de processamento através de editores de planilhas. Essa transformação de

---

<sup>5</sup> <https://www.instagram.com/developer/>

---

padrão se deve à utilização do *software Power BI Desktop*<sup>6</sup> para a representação visual dos resultados obtidos.

É importante destacar que nessa etapa foi realizada uma rotulagem automática sobre o conteúdo das postagens, com o objetivo de detectar conteúdos com discurso relacionado ao feminismo. Para tanto, foi gerado um dicionário de termos a ser usado como referência no processo de rotulagem das postagens, construído a partir de definições obtidas sobre o feminismo, incluindo termos como: feminista, feminismo, luta, empoderamento, machismo, entre outros. Essa classificação permitiu identificar o subconjunto classificado com conteúdo feminista.

Após essa etapa, foi ainda desenvolvida uma rotina para extração do corpus textual composto por todas as legendas das postagens correspondentes à amostra considerada. Neste sentido, foram gerados dois diferentes corpus textuais, o primeiro com conteúdo de todas as postagens da amostra, e o segundo com conteúdo textual apenas das postagens rotuladas na classe feminismo. Os corpus textuais gerados foram construídos de acordo com o padrão do *software IRaMuTeQ*<sup>7</sup>, o qual foi utilizado para realização de análises textuais. O IRaMuTeQ utiliza um método de classificação de dados, proposto por Reinert (1990), que provê o agrupamento de termos por similaridade, tendo como base a posição relativa dos mesmos no corpus textual.

No processo de análise exploratória, a identificação de grupos permite identificar as relações entre os termos. Para a análise descritiva, foram também utilizadas técnicas de visualização com o objetivo de compreender os dados e extrair informação. Assim, como resultado da análise foram apresentados os grafos de similitude dos corpus textuais, os quais possibilitam identificar, a relevância dos termos e as relações existentes entre os mesmos. O grafo de similitude é uma técnica de análise visual que se baseia na teoria dos grafos e provê uma visão da conectividade dos termos e da força dessa relação.

Por meio do *software Power BI* foi gerado um modelo de dados analítico que relaciona as *hashtags* ao conceito de feminismo. Para tanto, definiu-se duas entidades: uma contendo todas as publicações e a outra contendo apenas as publicações composta por

---

<sup>6</sup> <https://powerbi.microsoft.com/>

<sup>7</sup> <http://iramuteq.org/>

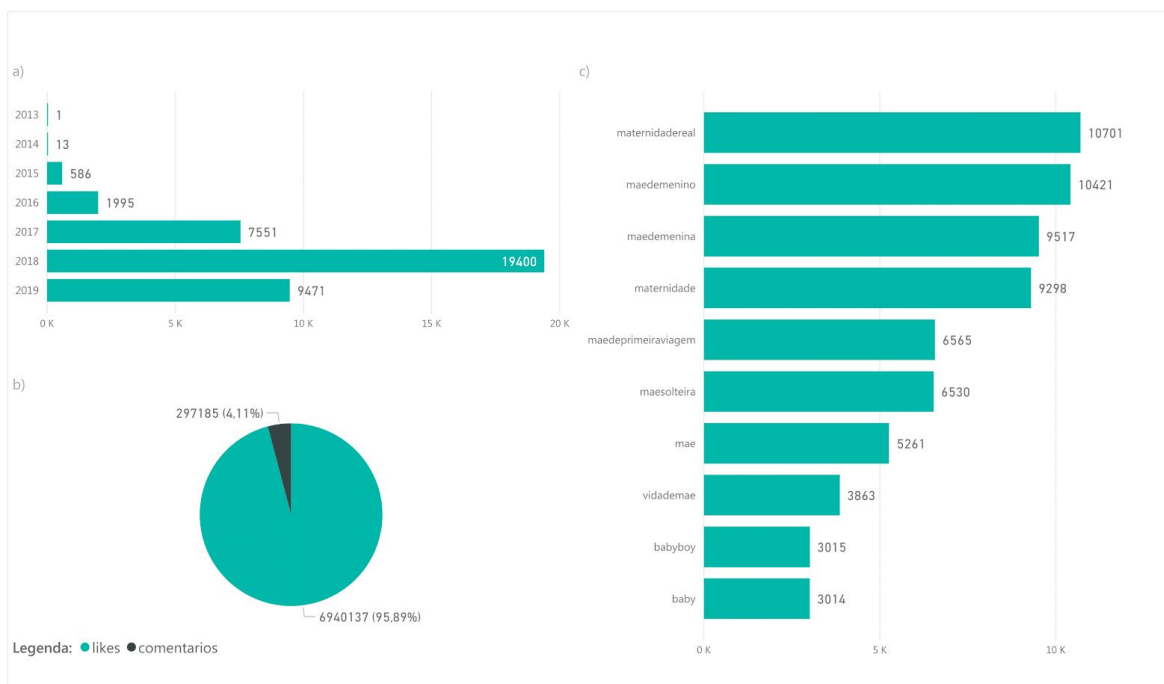


termos que se referem ao conceito de feminismo, resultando em 2.310 publicações (5,9% do total). Por meio desse modelo, foi possível gerar visualizações que revelam a abrangência dos conceitos mãe solo e feminismo e quais termos estão relacionados aos mesmos.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

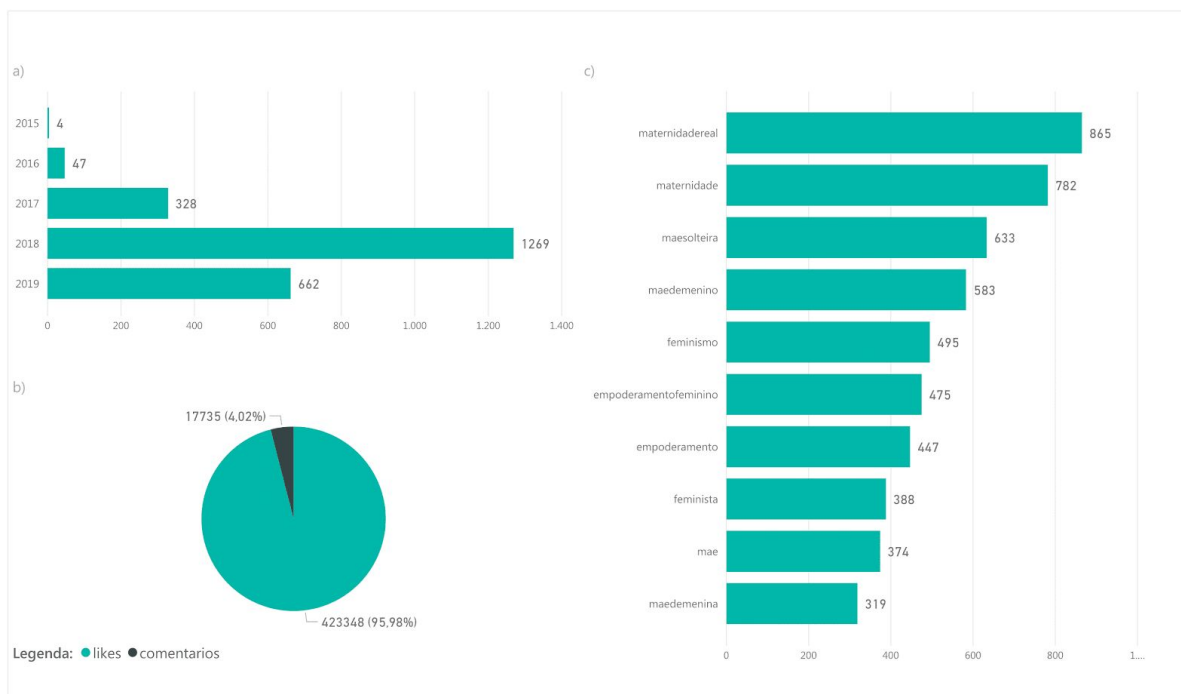
A partir do conjunto de dados coletados, foram geradas análises visuais tanto sobre o conjunto total de elementos, quanto sobre aqueles especificamente pertencentes aos identificados com conteúdo relacionado ao feminismo. Neste sentido, a Figura 2 apresenta os resultados da análise exploratória de todas as publicações que contém a *hashtag* #maesolo, abordando: a distribuição de publicações por ano (Figura 2-a), a quantidade de comentários (95,89%) e likes (4,11%) (Figura 2-b), e as *hashtags* com maior ocorrência nas publicações (Figura 2-c). Por outro lado, a Figura 3 apresenta a mesma análise exploratória, porém para as publicações selecionadas com base na ocorrência de termos relacionados ao conceito de feminismo.

**Figura 2.** Análise exploratória do amostra total considerada.



Fonte: autores.

**Figura 3.** Análise exploratória do amostra com conteúdo relacionado ao feminismo.



Fonte: autores.

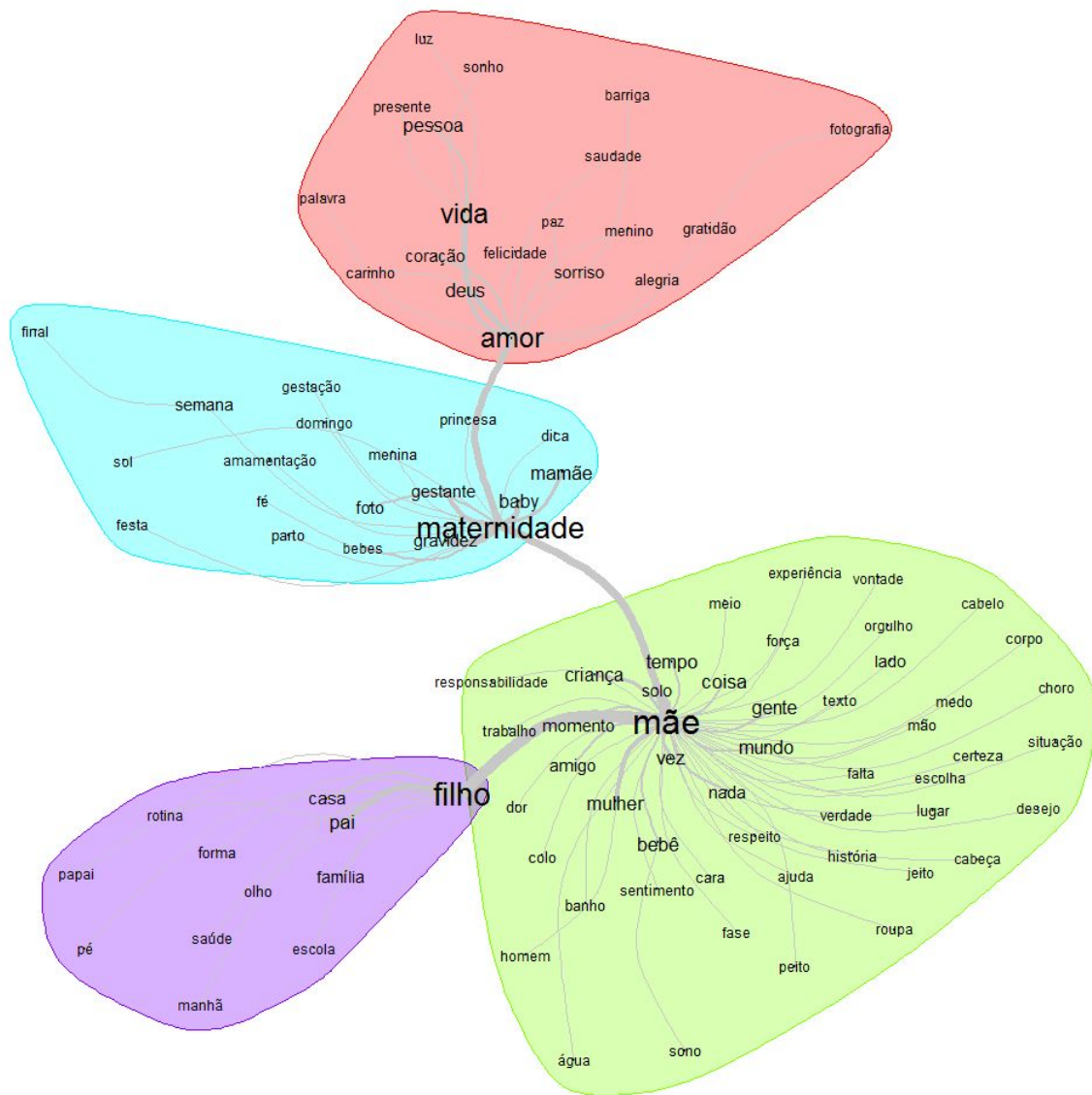
É importante observar que em ambas as amostras a *hashtag* #maternidadereal é a mais expressiva, e a *hashtag* #maesolteira tem relevante participação no contexto da amostra. Por outro lado, na Figura 3-c, é possível observar uma ocorrência relevante de *hashtags* relacionadas ao feminismo, tais como: #feminismo, #empoderamentofeminino, #empoderamento, e #feminista, revelando as relações destes termos com a *hashtag* de pesquisa, #maesolo. Neste contexto, é possível inferir que publicações dessa amostra representem um discurso sobre a maternidade que revele a realidade dessa condição (#maternidadereal), expressando o rompimento com os padrões romantizados e uma conexão com os ideais do feminismo no que tange ao empoderamento.

---

A Figura 4 apresenta uma análise através do grafo de similitude dos termos que constam na amostra obtida a partir da *hashtag* maesolo. Neste sentido, se identifica uma abordagem sentimentalista, com expressiva relação dos termos mãe, maternidade e filho. Seria, portanto, uma versão romantizada da maternidade, abordando sentimentos próprios dessa experiência (sonho, felicidade, alegria, respeito, desejo, vontade), numa direção contrária ao discurso do feminismo pautado no questionamento ao condicionamento materno.

Por outro lado, a Figura 5 apresenta a análise de similitude dos termos que constam nas publicações que, de alguma forma apresentam relação com o conceito de feminismo. É importante destacar as relações entre termos mãe-mulher, mãe-filho e maternidade-feminismo. Na primeira relação, é observada a expressão de termos que remetem às configurações familiares na sociedade atual e aos papéis experienciados nesse contexto (pai, família, mãe solo, responsabilidade, homem, progenitor, relacionamento). Especificamente para o termo mulher, se observa ainda, expressividade que remete ao empoderamento feminino (luta, liberdade, contra, direito, autoestima). Para a relação mãe-filho, diferentemente do apresentado na Figura 3, se observa uma expressão do peso da maternidade em razão das obrigatoriedades (trabalho, problema, vergonha, peso, dificuldade) e que, conforme o discurso feminista, impõe à mulher uma condição desconfortável e abusiva. Por fim, a relação maternidade-feminismo apresentada na análise corrobora com a busca pela representatividade, respeito e autonomia sobre o próprio corpo, pilares do movimento feminista na consolidação do papel social da mulher na sociedade moderna.

**Figura 4.** Grafo de similitude do corpus textual de toda a amostra.



Fonte: autores.

**Figura 5.** Grafo de similaridade do corpus textual de toda a amostra.



---

sozinha estabeleceram na sociedade moderna. Apesar disso, é importante destacar que os resultados obtidos tratam apenas de uma análise descritiva sobre uma rede social específica, sendo importante expandir estudos exploratórios para outras mídias sociais, de forma a se construir uma análise mais assertiva sobre os relacionamentos entre a *hashtag* “maesolo” e o feminismo.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL(a). Senado Federal. **Congresso lembrará os 100 anos de instituição do Dia das Mães em sessão solene**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/04/congresso-lembrara-os-100-anos-de-instituicao-do-dia-das-maes-em-sessao-solene/>. Acesso em 10 abr. 2019.

BRASIL(b). **Mulheres comandam 40% dos lares brasileiros**. Governo do Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/mulheres-comandam-40-dos-lares-brasileiros>. Acesso em: 10 Abril 2019.

BRASIL, M. V.; COSTA, A. B. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? **Psic. Clin.**, vol. 30, n. 3, p. 427-446, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 9 abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A02>.

CAMILO, C.O.; SILVA, J.C.D. **Mineração de dados: conceitos, tarefas, métodos e ferramentas**. Relatório Técnico. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009.

CASTRO, L. N.; FERRARI, D. G. **Introdução à Mineração de Dados: conceitos básicos, algoritmos e aplicações**. São Paulo: Editora Saraiva, 2016.

FAYYAD, U., Piatetsky-Shapiro, G., and Smyth, P. From Data Mining to Knowledge Discovery in Databases. **American Association for Artificial Intelligence**, v. 17, n. 3, p. 37-54, 1996.

REINERT, M. **Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval**. Bulletin de Methodologie Sociologique, v. 26, p. 24-54, 1990.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/29935>>.

TOMAZ, R. **Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão**. Galáxia, n. 29, p. 155-166, 2015.